

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, POR
MEIO DA SECRETARIA DA CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS,
E FUNDAÇÃO OSESP APRESENTAM

o

e

p

s

s

Temporada 2025

**Orquestra
Sinfônica do Estado
de São Paulo**

13, 14 e 15 de novembro

13 DE NOVEMBRO
QUINTA-FEIRA, 20H00

14 DE NOVEMBRO
SEXTA-FEIRA, 14H30

15 DE NOVEMBRO
SÁBADO, 16H30

[O CONCERTO DA SÉRIE
OESP DUAS E TRINTA É UM
OFERECIMENTO DA KLABIN]
TRANSMISSÃO AO VIVO

Sala São Paulo

Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo – Osesp
Pierre Bleuse REGENTE
Jean-Frédéric Neuburger PIANO

CLAUDE DEBUSSY [1862-1918]
Prélude à “L'après-midi d'un faune”
[PRELÚDIO PARA “A TARDE DE UM FAUNO”] [1891-1894]
10 MINUTOS

MAURICE RAVEL [1875-1937]
Concerto para piano em Sol maior [1929-1931]
1. ALLEGRAUMENTE
2. ADAGIO ASSAI
3. PRESTO
23 MINUTOS

INTERVALO DE 20 MINUTOS

CAMILLE SAINT-SAËNS [1835-1921]
Sinfonia nº 3 em dó menor, Op. 78 – “Órgão” [1885-1886]
PARTE 1
1. ADAGIO. ALLEGRO MODERATO
2. POCO ADAGIO
PARTE 2
3. ALLEGRO MODERATO. PRESTO
4. MAESTOSO. ALLEGRO
36 MINUTOS

CLAUDE DEBUSSY

SAINT GERMAIN-EN-LAYE, FRANÇA, 1862 – PARIS, FRANÇA, 1918

Prélude à “L'après-midi d'un faune”

[PRELÚDIO PARA “A TARDE DE UM FAUNO”][1891-1894]

ORQUESTRAÇÃO: 3 FLAUTAS, 2 OBOÉS, CORNE-INGLÊS,
2 CLARINETES, 2 FAGOTES, 4 TROMPAS, PERCUSSÃO,
2 HARPAS E CORDAS.

No ensaio “A revolução suave de Claude Debussy”, Paulo da Costa e Silva explica como o *Prelúdio* inaugura uma “nova maneira de pensar o tempo musical”. Nesse novo período inaugurado por Debussy, temas melódicos — como o enigmático solo de flauta do início da peça — “não precisam mais ser desenvolvidos”, pois “podem ser repetidos circularmente em ambientes harmônicos e orquestrais que se modificam a cada giro”.¹

Os anos imediatamente anteriores à gestação do *Prelúdio* foram intensos para Debussy, que fez duas visitas à Bayreuth de Wagner, era presença regular nas seletas reuniões promovidas pelo poeta Stéphane Mallarmé — autor do poema que inspirou a peça — e ficou impactado pelo contato com a música oriental na Exposição Universal de Paris, em 1889.² Todas essas referências se somam e se inter-relacionam no *Fauno*, concorrendo para uma transformação que o musicólogo francês Didier Guigue considera ainda mais radical: uma transformação no plano das “sonoridades”. É como se, a partir de então, a orquestração deixasse de ser apenas a “vestimenta” das melodias e dos acordes em progressão, para se tornar, ela mesma, o principal campo das articulações composicionais. Ou seja, em vez de se criar um tema para, em um segundo momento, trabalhar seu colorido orquestral, nessa nova música o foco criativo se desloca diretamente para o plano da elaboração desse “colorido”, que Guigue conceitua como “sonoridade”.³ Frases melódicas, ritmos e harmonias passaram a ser, portanto, não mais o fim, mas ferramentas para essas novas construções.



Stéphane Mallarmé [1876], por Édouard Manet.

E é nesse sentido que é possível entender a tão discutida denominação de “música impressionista” comumente atribuída a Debussy. Afinal, pode-se notar um paralelo entre as repetições circulares do tema do *Prelúdio* — cada uma com sua sonoridade única — e, por exemplo, a série de 26 pinturas de Claude Monet da catedral de Rouen (também finalizada em 1894), em que diferentes luminosidades são capturadas.

Sergio Molina

DOUTOR PELA USP, É JORNALISTA, EDITOR E TRADUTOR.

É AUTOR DE *MÚSICA DE MONTAGEM* (É REALIZAÇÕES, 2017).

¹ *Revista Osesp* 2017, pp. 16-17.

² ROSS, Alex. *O resto é ruído: Escutando o século xx*.

Trad. Claudio Carina e Ivan Weisz Kuck. São Paulo:

Companhia das Letras, 2009, pp. 54-55.

³ *Estética da sonoridade*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2011.

MAURICE RAVEL

CIBOURE, FRANÇA, 1875 – PARIS, FRANÇA, 1937

Concerto para piano em Sol maior [1929-1931]

ORQUESTRAÇÃO: PICCOLO, 2 FLAUTAS, 2 OBOÉS, CORNE-INGLÊS,
2 CLARINETES, REQUINTA, 2 FAGOTES, 2 TROMPAS, TROMPETE,
TROMBONE, TÍMPANOS, PERCUSSÃO, HARPA E CORDAS.

Em janeiro de 1928, Ravel aportou em Nova York. Ao longo dos meses seguintes, ele cruzou o país de Boston a Los Angeles, regendo dezenas de concertos dedicados à sua obra. A turnê fez com que o compositor aprofundasse sua relação com o jazz. Mesmo já tendo escutado essa nova linguagem na França, foi nos Estados Unidos que Ravel se deu conta de sua riqueza e, sobretudo, de sua variedade. A história de seu encontro com George Gershwin se tornou famosa. Igualmente importante, porém, foi sua visita ao Cotton Club, onde Duke Ellington costumava se apresentar.

Essas experiências deixaram marcas no seu *Concerto em Sol*, escrito entre 1929 e 1931. O compositor concebeu a obra para uma nova turnê, ainda mais ambiciosa, que incluiu cidades europeias, norte-americanas e sul-americanas. Por essa razão, o concerto foi apresentado no Theatro Municipal do Rio de Janeiro em setembro de 1932, poucos meses depois de sua estreia em Paris.



Maurice Ravel ao piano, junto à Oscar Fried, Eva Gauthier, Manoah Leide-Tedesco e George Gershwin [1928].

Mas não, Ravel não esteve em Copacabana. O fato é que o compositor percebeu que, apesar de ser um bom pianista, não conseguiria executar as passagens virtuosísticas que ele mesmo havia escrito para a parte solista. Diante disso, ele ofereceu o posto à pianista Marguerite Long, a quem a partitura é dedicada. Ravel assumiu o papel de regente nas apresentações ocorridas na Europa, mas deixou as demais a cargo de músicos locais — como o maestro paulistano Walter Burle-Marx, responsável pelas apresentações brasileiras.

O concerto começa de um só golpe, com um ataque seco da percussão disparando uma melodia tocada pelo piccolo e acompanhada por figurações cintilantes do piano. A seguir, o solista introduz um tema que evoca a música espanhola — elemento fortemente presente no estilo de Ravel. O jazz se insinua aos poucos, através de intervenções do clarinete e do trompete. Os demais temas do movimento, que aparecem em rápida sucessão, são todos mais ou menos jazzísticos, ainda que contrastem entre si em termos de seu caráter ora lírico, ora enérgico.

O segundo movimento é o mais belo jamais escrito pelo compositor. Em seu início, o solista entoa uma extensa melodia, sem a orquestra. São mais de trinta compassos livres de qualquer repetição, desenhando uma linha contínua que dá voltas ao redor de si mesma. O processo de criação desse “Adagio” foi laborioso, mas o resultado possui uma espontaneidade mozartiana. Não por acaso, o “Larghetto” do *Quinteto para clarinete em Lá maior*, K. 581, do mestre vienense serviu de modelo para Ravel. Por fim, vale a pena atentar à tensão rítmica entre a melodia (que divide os compassos em três tempos) e o acompanhamento (que os divide em dois grupos de três notas). É ela que faz com que a música pareça flutuar.

O rondó final é uma corrida entre o solista e a orquestra. Seu humor não poderia estar mais distante do heroísmo trágico que encontramos em concertos românticos. Também aqui Ravel é mozartiano e procura escrever um “concerto no verdadeiro sentido da palavra”, isto é, uma obra “leve e brilhante, que não aspira à profundidade”.¹

Paulo Sampaio

DOUTORANDO EM MÚSICA E MESTRE EM FILOSOFIA PELA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. EM 2024, SE FORMOU NO CURSO LIVRE
DE REDAÇÃO E CRÍTICA MUSICAL DA ACADEMIA DE MÚSICA DA OESP.

¹ RAVEL, Maurice. *Lettres, écrits, entretiens. Réunis, présentés et annotés par Arbie Orenstein*. Paris: Flammarion, 1989, p. 364.

CAMILLE SAINT-SAËNS

PARIS, FRANÇA, 1835 – ARGEL, ARGÉLIA, 1921

Sinfonia nº 3 em dó menor, Op. 78 — “Órgão” [1885-1886]

ORQUESTRAÇÃO: PICCOLO, 3 FLAUTAS, 2 OBOÉS, CORNE-INGLÊS,
2 CLARINETES, CLARONE, 2 FAGOTES, CONTRAFAGOTE, 4 TROMPAS,
3 TROMPETES, 3 TROMBONES, TUBA, TÍMPANOS, PERCUSSÃO,
ÓRGÃO, PIANO E CORDAS.

Ao longo da primeira metade do século XIX, a vida musical francesa foi dominada pela ópera. Nas décadas em que Haydn, Mozart e Beethoven alcançaram projeção internacional, o país não deu tanta plataforma à música sinfônica. Ainda que obras dos mestres vienenses fossem executadas ocasionalmente, elas eram mantidas à distância, vistas como estranhas à sensibilidade local. Nem mesmo as ousadias de Berlioz conseguiram mudar o cenário — sua influência acabou por ser maior na Alemanha do que na França.

O impulso decisivo para a consolidação do sinfonismo francês veio com a Guerra Franco-Prussiana [1870-1871]. Nos estertores do conflito, compositores como Camille Saint-Saëns, César Franck e Gabriel Fauré fundaram a Sociedade Nacional da Música. Seu objetivo era claro: travar, no campo artístico, a batalha que havia sido perdida no campo militar, combatendo o predomínio de obras alemãs na programação das salas de concerto. Paradoxalmente, esse esforço de substituição do repertório importado estimulou a assimilação de técnicas de composição de origem austro-germânica — de modo que a afirmação da identidade nacional se traduziu na busca por um “Beethoven francês”.



Camille Saint-Saëns ao órgão [1913], por Augé de Lassus.

Saint-Saëns decidiu se candidatar ao posto quando recebeu uma encomenda da Sociedade Filarmônica de Londres, a mesma que havia encomendado a *Sinfonia n.º 9* de Beethoven, seis décadas antes. E conseguiu se eleger. Sua *Sinfonia n.º 3*, completada em 1886, é tida por muitos como a maior contribuição da França para o gênero. Assim como Beethoven havia feito em sua *Sinfonia n.º 5*, Saint-Saëns concebeu a peça como uma jornada que parte da tonalidade sombria de dó menor e culmina em um triunfal Dó maior. A retomada desse modelo consagrado, contudo, vem acompanhada de uma ligeira modificação no esquema formal estabelecido: ao invés de trabalhar com os quatro movimentos habituais, o compositor escreveu a obra em duas partes e dividiu cada uma delas em duas grandes seções interligadas.

Saint-Saëns também inova ao trazer para o campo da música absoluta ou abstrata a chamada “transformação temática”, típica da música programática, isto é, da música que retrata sonoramente conceitos e narrativas extramusicais. O procedimento consiste em retomar um mesmo tema ao longo da obra, cada vez com uma roupagem diferente. A *Sinfonia fantástica*, de Berlioz, costuma ser vista como seu marco inaugural; mais tarde, Wagner se baseou nele para criar seus leitmotive. Mas foi Liszt quem, em seus poemas sinfônicos, o explorou mais a fundo. Não por acaso, Saint-Saëns dedicou a partitura à sua memória; infelizmente, Liszt faleceu poucas semanas depois da estreia, que não chegou a ver.

O tema que atravessa a *Sinfonia n.º 3* surge após uma introdução lenta, tocado com grande energia pelas cordas. Na transição para a segunda seção, ele reaparece em suaves pizzicatos. É nesse ponto que o órgão entra em cena, somando-se discretamente ao acompanhamento de uma linda cantilena. A segunda parte da sinfonia começa com um scherzo cuja melodia, repleta de notas ferozmente repetidas, nos remete ao que escutamos no primeiro movimento. Os ecos se tornam ainda mais claros com o surgimento de uma nova transformação do tema principal, convertido em figurações velozes das madeiras.

Na última seção, anunciada por um glorioso acorde do órgão, o tema atinge sua forma definitiva. O papel do órgão no final da sinfonia fez com que ela passasse a ser conhecida como “Symphonie avec orgue”, apesar do instrumento passar a maior parte do tempo em silêncio. De todo modo, é o acréscimo do órgão (e do piano) à orquestra que confere à obra sua sonoridade opulenta, digna, certamente, da pátria da *grand opéra*.

A *Sinfonia n.º 3* constitui um verdadeiro *tour de force* do ecletismo, reunindo elementos aparentemente incompatíveis, como a arquitetura formal de inspiração beethoveniana, a transformação temática *à la mode* de Liszt e a monumentalidade operística. O resultado dessa mistura, a despeito das reservas dos puristas, é uma das composições mais empolgantes de todo o repertório sinfônico.

Paulo Sampaio



Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo - Osesp

Desde seu primeiro concerto, em 1954, a Osesp tornou-se parte indissociável da cultura paulista e brasileira, promovendo transformações culturais e sociais profundas. A cada ano, a Osesp realiza em média 130 concertos para cerca de 150 mil pessoas. Thierry Fischer tornou-se diretor musical e regente titular em 2020, tendo sido precedido, de 2012 a 2019, por Marin Alsop. Seus antecessores foram Yan Pascal Tortelier, John Neschling, Eleazar de Carvalho, Bruno Roccella e Souza Lima. Além da Orquestra, há um coro profissional, grupos de câmara, uma editora de partituras e uma vibrante plataforma educacional. A Osesp já realizou turnês em diversos estados do Brasil e também pela América Latina, Estados Unidos, Europa e China, apresentando-se em alguns dos mais importantes festivais da música clássica, como o BBC Proms, e em salas de concerto como o Concertgebouw de Amsterdam, a Philharmonie de Berlim e o Carnegie Hall em Nova York. Mantém, desde 2008, o projeto “Osesp Itinerante”, promovendo concertos, oficinas e cursos de apreciação musical pelo interior do estado de São Paulo. É administrada pela Fundação Osesp desde 2005.



Pierre Bleuse REGENTE

Bleuse é regente principal da Orquestra Sinfônica de Odense, diretor musical do Ensemble intercontemporain e diretor artístico do festival Pablo Casals. Nesta temporada, apresenta-se junto a prestigiadas orquestras, como a Orquestra Real do Concertgebouw, a Sinfônica da Cidade de Birmingham, a Sinfônica da BBC, a Sinfônica de Tóquio, a Orquestra Nacional de Lyon e a Orquestra Nacional da Espanha. O francês também retorna como convidado da própria Osesp e de outras orquestras como a Filarmônica Real de Estocolmo, da Orquestra da Suíça Romanda, as Orquestras de Câmara de Munique, Basel e Paris, a Orquestra Nacional da Rússia, a Sinfônica Nacional da China e da Sinfônica de Singapura, além de reger um concerto na Elbphilharmonie, em Hamburgo, junto à Filarmônica da Rádio NDR. O maestro francês iniciou sua carreira como violinista, como integrante do Satie Quartet.



Jean-Frédéric Neuburger PIANO

O premiado pianista é convidado constante de importantes orquestras, como Sinfônica de São Francisco, Filarmônicas de Nova York e de Israel, Orquestra de Paris, Filarmônica da Rádio França, Sinfônica Alemã de Berlim e Sinfônica da NHK (Japão). Nascido em Paris, seu repertório é marcado por compositores franceses do século xx, com foco na música eletroacústica, como Philippe Manoury, Philippe Maintz, Bruno Mantovani, Yves Chauris e Vito Zoraj. Como compositor, é publicado pelas Éditions Durand desde 2012 e tem recebido encomendas de festivais e instituições como a Rádio França, a Orquestra Gürzenich de Colônia, a Sinfônica de Boston e o Festival Evian. Conquistou, em 2015, o Prêmio Lili e Nadia Boulanger da Académie des Beaux-Arts e o Prêmio Hervé Dugardin, concedido pela Sociedade de Autores, Compositores e Editores de Música da França. Seu mais recente disco, “*Mantra*”, de *Stockhausen*, lançado em 2021 em parceria com Jean-François Heisser, foi unanimemente aclamado pela crítica, que lhe atribuiu o selo “Choc” da revista *Classica*.

Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo - Osesp

DIRETOR MUSICAL E REGENTE TITULAR

Thierry Fischer

VIOLINOS

Emmanuele Baldini SPALLA

Davi Graton SOLISTA – PRIMEIROS VIOLINOS

Yuriy Rakevich SOLISTA – PRIMEIROS VIOLINOS

Adrian Petrutiu SOLISTA – SEGUNDOS VIOLINOS

Amanda Martins SOLISTA – SEGUNDOS VIOLINOS

Leandro Dias SOLISTA – SEGUNDOS VIOLINOS***

Igor Sarudiansky CONCERTINO –

PRIMEIROS VIOLINOS

Matthew Thorpe CONCERTINO –

SEGUNDOS VIOLINOS

Abner Landim***

Alexey Chashnikov

Anderson Farinelli

Andreas Uhlemann

Camila Yasuda

Carolina Kliemann

César A. Miranda

Cristian Sandu

Déborah Santos

Elena Klementieva

Elina Suris

Florian Cristea

Gheorghe Voicu

Guilherme Peres

Irina Kodin

Katia Spássova

Leonardo Bock

Marcio Kim

Michael Machado

Monique Cabral***

Paulo Paschoal

Rodolfo Lota

Soraya Landim

Sung-Eun Cho

Svetlana Tereshkova

Tatiana Vinogradova

VIOLAS

Horácio Schaefer SOLISTA | EMÉRITO

Maria Angélica Cameron CONCERTINO

Peter Pas CONCERTINO

André Rodrigues

Andrés Lepage

David Marques Silva

Éderson Fernandes

Galina Rakhimova

Olga Vassilevich

Sarah Pires

Simeon Grinberg

Vladimir Klementiev

VIOLONCELOS

Kim Bak Dinitzen SOLISTA

Heloisa Meirelles CONCERTINO

Rodrigo Andrade CONCERTINO

Adriana Holtz

Bráulio Marques Lima

Douglas Kier

Jin Joo Doh

Maria Luísa Cameron

Marialbi Trisolio

Regina Vasconcellos

CONTRABAIXOS

Ana Valéria Poles SOLISTA | EMÉRITA

Pedro Gadelha SOLISTA

Marco Delestre CONCERTINO

Max Ebert Filho CONCERTINO

Alexandre Rosa

Almir Amarante

Cláudio Torezan

Jefferson Collacico

Lucas Esposito

Ney Carvalho

FLAUTAS

Claudia Nascimento SOLISTA

Fabiola Alves PICCOLO

Lincoln Sena PICCOLO

Sávio Araújo

Christian Damiani Lavorenti**

OBOÉS

Arcadio Minczuk SOLISTA | EMÉRITO

Ricardo Barbosa SOLISTA

Natan Albuquerque Jr. CORNE-INGLÊS

Peter Apps

CLARINETES

Ovanir Buosi SOLISTA

Sérgio Burgani SOLISTA | EMÉRITO

Nivaldo Orsi CLARONE

Daniel Rosas REQUINTA

Giuliano Rosas

FAGOTES

Alexandre Silvério SOLISTA

José Arion Liñarez SOLISTA

Romeu Rabelo CONTRAFAGOTE

Francisco Formiga

TROMPAS

Luiz Garcia SOLISTA

André Gonçalves

José Costa Filho

Nikolay Genov

Daniel Filho

Luciano Amaral

TROMPETES

Fernando Dissenha SOLISTA

Marcos Motta UTILITY

Antonio Carlos Lopes Jr.

Marcelo Matos

TROMBONES

Darcio Gianelli SOLISTA

Wagner Polistchuk SOLISTA | EMÉRITO

Alex Tartaglia

Fernando Chipoletti

TROMBONE BAIXO

Darrin Coleman Milling SOLISTA

TUBA

Filipe Queirós SOLISTA

TÍMPANOS

Elizabeth Del Grande SOLISTA | EMÉRITA

Rubén Zúñiga SOLISTA

PERCUSSÃO

Ricardo Righini 1ª PERCUSSÃO

Alfredo Lima

Armando Yamada

HARPA

Liuba Klevtsova SOLISTA

CONVIDADOS DESTE PROGRAMA

Simone Elenciuc VIOLINO

Elisa Monteiro VIOLA

Florence Suana VIOLA

Ariã Yamanaka PIANO

Felipe Bernardo ÓRGÃO

Gabriela Prates PIANO

* CARGO INTERINO

** ACADEMISTA DA OSESP

*** CARGO TEMPORÁRIO

OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS EM ORDEM ALFABÉTICA, POR CATEGORIA. INFORMAÇÕES SUJEITAS A ALTERAÇÕES.

Governo do Estado de São Paulo

GOVERNADOR

Tarcísio de Freitas

VICE-GOVERNADOR

Felício Ramuth

Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas

SECRETÁRIA DE ESTADO

Marília Marton

SECRETÁRIO EXECUTIVO

Marcelo Henrique Assis

SUBSECRETÁRIO

Daniel Scheiblich Rodrigues

CHEFE DE GABINETE

Vicenzo Carone

DIRETORA DE DIFUSÃO, FORMAÇÃO E LEITURA

Jenipher Queiroz de Souza

DIRETORA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Mariana de Souza Rolim

DIRETORA DE FOMENTO À CULTURA, ECONOMIA E

INDÚSTRIA CRIATIVAS

Liana Crocco

CHEFE DE ASSESSORIA DE MONITORAMENTO E

GOVERNANÇA DE DADOS CULTURAIS

Marina Sequetto Pereira

Fundação Osesp

PRESIDENTE DE HONRA

Fernando Henrique Cardoso

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Pedro Pullen Parente PRESIDENTE

Stefano Bridelli VICE-PRESIDENTE

Ana Carla Abrão Costa

Célia Kochen Parnes

Luiz Lara

Marcelo Kayath

Mario Engler Pinto Junior

Mônica Waldvogel

Ney Vasconcelos

Tatyana Vasconcelos

Araújo de Freitas

COMISSÃO DE NOMEAÇÃO

Fernando Henrique Cardoso PRESIDENTE

Celso Lafer

Fábio Colletti Barbosa

Horacio Lafer Piva

Pedro Moreira Salles

DIRETOR EXECUTIVO

Marcelo Lopes

SUPERINTENDENTE GERAL

Fausto A. Marcucci Arruda

SUPERINTENDENTE DE

COMUNICAÇÃO E MARKETING

Mariana Stanisci

CONHEÇA TODA A EQUIPE EM:

FUNDACAO-OSESP.ART.BR/FOSESP/PT/SOBRE

Próximos concertos

16 DE NOVENBRO

Estação Motiva Cultural

Jean-Frédéric Neuburger PIANO
Obras de Franz Schubert, Claude Debussy, Maurice Ravel e Franz Liszt.

23 DE NOVENBRO

Estação Motiva Cultural

Leandro Dias VIOLINO
César Miranda VIOLINO
Svetlana Tereshkova VIOLINO
Tatiana Vinogradova VIOLINO
André Rodrigues VIOLA
Ederson Fernandes VIOLA
Sarah Pires VIOLA
Marialbi Trisolio VIOLONCELO
Rodrigo Andrade VIOLONCELO
Kim Bak Dinitzen VIOLONCELO
Olga Kopylova PIANO (CONVIDADA)
Obras de Pyotr Ilyich Tchaikovsky e Dmitri Shostakovich.



Agenda completa e ingressos

Serviços

Café da Sala

Tradicional ponto de encontro antes dos concertos e nos intervalos, localizado no Hall Principal, oferece cafés, doces, salgados e pratos rápidos em dias de eventos.

Cafeteria Lillas Pastia

Situada dentro da Loja Clássicos, oferece bebidas, salgados finos e confeitaria premiada.

Loja Clássicos

Possui CDs, DVDs e livros de música clássica, oferece também uma seleção especial de publicações de outras artes, ficção, não-ficção, infanto-juvenis. Inclui uma seção de presentes e souvenirs.

Restaurante da Sala

Oferece almoço de segunda a sexta, das 12h às 15h, e jantar de acordo com o calendário de concertos — mediante reserva pelo telefone **(11) 3333-3441**.

Acesso à Sala

Estacionamento

Funcionamento diário, das 6h às 22h ou até o fim do evento. O bilhete é retirado na entrada e o pagamento deve ser efetuado em um dos dois caixas – no 1º subsolo ou no Hall Principal.

Reserva de Táxi | Área de Embarque e Desembarque

Agende sua corrida de volta para casa com a Use Táxi, no estande localizado no Boulevard. Há, ainda, uma área interna exclusiva para embarque e desembarque de passageiros, atendendo táxis ou carros particulares.

Acesso Estação Luz

Use a passagem direta que liga o estacionamento da Sala com a Plataforma 1 da CPTM, dentro da Estação Luz. Ela está aberta todos os dias, das 6h às 23h30. Garanta o seu bilhete previamente nos guichês da Estação ou pelo celular, usando o TOP – Aplicativo de Mobilidade, disponível na App Store e no Google Play.



Confira todos os horários de funcionamento e outros detalhes em:
www.salasaopaulo.art.br/salasp/pt/gastronomia-loja

Algumas dicas

Falando de Música

Em semanas de concertos sinfônicos, sempre às quintas-feiras, você encontra em nosso canal no YouTube um vídeo sobre o programa, com comentários de regentes, solistas e outros convidados especiais.

Gravações

Antes de a música começar e nos aplausos, fique à vontade para filmar e fotografar, mas registros não são permitidos durante a performance.

Entrada e saída da Sala de Concertos

Após o terceiro sinal, as portas da sala de concerto são fechadas. Quando for permitido entrar após o início do concerto, siga as instruções dos indicadores e ocupe rápida e silenciosamente o primeiro lugar vago.

Silêncio

Uma das matérias-primas da música de concerto é o silêncio. Desligue seu celular ou coloque-o no modo avião; deixe para fazer comentários no intervalo entre as obras ou ao fim.

Comidas e bebidas

O consumo não é permitido no interior da sala de concertos. Conheça nossas áreas destinadas a isso na Sala.

Aplausos

Como há livros que trazem capítulos ou séries fracionadas em episódios, algumas obras são divididas em movimentos. Nesses casos, o ideal é aguardar os aplausos para o fim da execução. Se ficou na dúvida, espere pelos outros.

WWW.OSESP.ART.BR



@OESP_



/OESP



/VIDEOSOESP



/@OESP

ESCUTE A OESP



SPOTIFY



APPLE MUSIC



DEEZER



AMAZON MUSIC



IDAGIO

WWW.SALASAOPAULO.ART.BR



@SALASAOPAULO_



/SALASAOPAULO



/SALASAOPAULODIGITAL



/@SALASAOPAULO

ESCUTE AS PLAYLISTS DA SALA



APPLE MUSIC

WWW.FUNDACAO-OSESP.ART.BR

P.6 STÉPHANE MALLARMÉ [1876], POR ÉDOUARD MANET.

DOMÍNIO PÚBLICO

P.9 MAURICE RAVEL, JUNTO À OSCAR FRIED, EVA GAUTHIER, MANOAH
LEIDE-TEDESCO E GEORGE GERSHWIN [1928]. ©WIDE WORLD FOTOS 1928

P.12 CAMILLE SAINT-SAËNS AO ÓRGÃO [1913], POR AUGÉ DE LASSUS.

DOMÍNIO PÚBLICO

P.15 OESP. ©MARIO DALOIA

P.16 PIERRE BLEUSE. ©JULIA SEVERINSEN

P.17 JEAN-FRÉDÉRIC NEUBURGER. ©CAROLE BELLAICHE



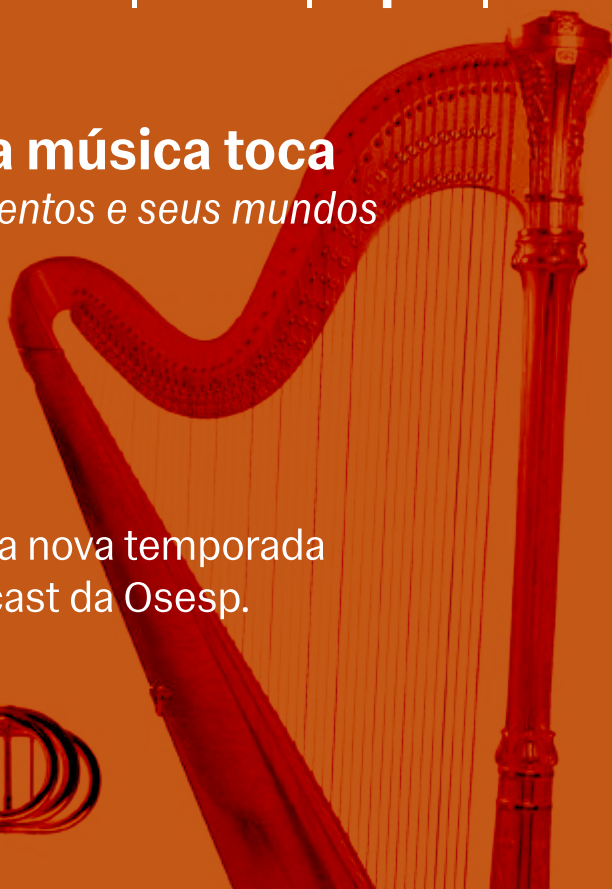
Todos os instrumentos
contam diversas histórias.
Inclusive as suas.

o s e s p

Aqui a música toca
Instrumentos e seus mundos



Confira a nova temporada
do podcast da Osesp.



Na identidade visual da Osesp, cada cor
da paleta leva o nome de um sentimento.
Nesta capa, usamos Amor.



Lei Rouanet
Incentivo a
Projetos Culturais



Orquestra
Sinfônica do Estado
de São Paulo



REALIZAÇÃO

